

BOLETIM TEOLÓGICO

Auspiciado pela Fraternidade Teológica Latino-Americana
Caixa Postal, 220 – 93.000 – São Leopoldo – RS – Brasil

APRESENTAÇÃO

*"... todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo. Como porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não foram enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas".
(Rm 10.13-15)*



ÍNDICE



Editorial (apresentação deste Boletim)
Estatutos da F.T.L.
Em busca da Missão (Melbourne e Pattaya)
A declaração de Seoul
Congresso Brasileiro de Evangelização (explicitação teológica dos objetivos)
Bibliografia

O BOLETIM TEOLÓGICO é uma publicação da Fraternidade Teológica Latino-Americana (F. T. L.). É um boletim de reflexão e análise teológica sem fim lucrativo. Seu objetivo é a divulgação do Evangelho. A reimpressão total ou parcial dos artigos aqui publicados está autorizada, desde que mencionada a fonte.

EQUIPE EDITORIAL:

Valdir Raul Steuernagel – coordenador

Dilmar Devantier – secretário

Arzemiro Hoffmann – coordenador sul da F. T. L.

Hitoshi Watanabe – coordenador centro da F. T. L.

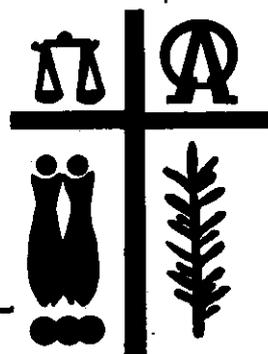
*** EXEMPLAR GRÁTIS DE LANÇAMENTO ***

Futuros exemplares: avulso Cr\$ 500,00

RESPONSÁVEL: Dilmar Devantier

Caixa Postal, 220

93.000 – São Leopoldo – RS



BOLETIM TEOLÓGICO

Auspiciado pela Fraternidade Teológica
Latino-americana

Oscar Elias Jans

Outubro a dezembro de 1983 ano 1 nº 1

| | |
|---|----|
| EDITORIAL (Apresentação deste Boletim) | 6 |
| ESTATUTOS DA F.T.L. | 9 |
| EM BUSCA DA MISSÃO (Melbourne e Pattaya) | 17 |
| A DECLARAÇÃO DE SEOUL | 41 |
| CONGRESSO BRASILEIRO DE EVANGELIZAÇÃO (explicita- ção teológica dos objetivos) | 48 |
| BIBLIOGRAFIA | 61 |

"A FRATERNIDADE ... quer ser sempre um ponto de encontro e um foco de reflexão que expresse a realidade evangélica do continente com a sua variedade e o seu pluralismo. Seus membros estão ativamente envolvidos na liderança de suas igrejas ou denominações e na tarefa cotidiana de viver e evangelizar. Crêem, porém, que é importante seguir fazendo teologia, por demanda constante do ministério do futuro e as interrogantes das novas gerações ...

Recém está começando a tarefa de contextualizar a fé, de refletir à luz da Palavra de Deus, e de expressar esta reflexão como forma de serviço para as igrejas." (ESCOBAR, SAMUEL. *América Latina y la Evangelización en los Años 80. Espiritu y Mensaje de Clade II*. Lima, 1979. p. XVI.)

"Temos levantado os olhos para o nosso continente e contemplado o drama e a tragédia em que vivem nossos povos nesta hora de inquietação espiritual, confusão religiosa, decadência moral e convulsões sociais e políticas. Temos ouvido o clamor dos que têm fome e sede de justiça, dos que se encontram desprovidos do que é básico para sua subsistência, dos grupos étnicos marginalizados, das mulheres despojadas do uso de seu direito, das crianças que sofrem fome, abandono ignorância e exploração. Por outro lado, temos visto que muitos latino-americanos estão se entregando à idolatria do materialismo, submetendo os valores do espírito aos valores impostos pela sociedade de consumo, segundo a qual o ser humano vale, não pelo que é em si mesmo, mas pela abundância dos bens que possui. Há também os que, em seu desejo legítimo de reivindicar o direito à liberdade ou de manter o estado de coisas vigentes, seguem ideologias que oferecem uma análise parcial da realidade latino-americana e conduzem a formas diversas de totalitarismo. Existem ainda vastos setores escravizados pelos satânicos que se manifestam em formas variadas de ocultismo e religiosidade ...

Decidimos renovar nosso compromisso de lealdade ao Evangelho e de fidelidade à tarefa de evangelizar no contexto da nossa América Latina ..."
(Carta de CLADE II).

EDITORIAL

"Muitos evangélicos têm uma atitude negativa frente a tudo que se relaciona com a palavra 'teologia'. Esta aversão emana da idéia de que o teólogo é um mero pensador de escritório, que articula a fé somente a níveis teóricos. Infelizmente, muitos têm razão em pensar assim, pois, ao longo da história, têm-se dado incontáveis casos de 'teóricos da religião'. São pessoas que encontram sua realização máxima penetrando nas profundezas da fé sem jamais darem uma contribuição objetiva para a obra do reino."

"Nenhuma instituição ou organização teológica tem razão de existir se, de sua reflexão, não resulta, finalmente, a ação. Se é certo que o teólogo deve articular a fé para dela dar razão ao mundo (1 Pe 3.15), ele deve fazê-lo na consciência de que a fé sem obras é morta, sem valor (Tg 3.17). Fé e obras devem atuar conjuntamente, pois a fé acha sua expressão perfeita nas obras." (Boletim nº 9 - F.T.L.).

Ao lançarmos o primeiro número brasileiro do Boletim da Fraternidade Teológica Latino-Americana, (F.T.L.) estamos absolutamente conscientes da necessidade de relacionarmos a fé com as obras, e a reflexão teológica com a prática pastoral.

A "teologia de gabinete" não é, certamente, o nosso problema. Os "teólogos profissionais" praticamente inexistem entre nós. Somos uma igreja nova e pobre, que não pode se dar ao luxo de produzir este tipo de teologia que, quando muito, importamos da rica Europa.

De fato, nós podemos ser pegos pelo outro lado da "corda". Estamos tão envolvidos na tarefa da evangelização do Brasil e, inclusive, das missões transculturais, que não damos a devida atenção para a necessidade de articular a fé "para dar razão dela ao mundo" (1 Pe 3.15) com seriedade e credibilidade.

A lacuna da reflexão teológica entre nós é gritante. Basta olharmos para a biblioteca de qualquer seminário ou pastor para chegarmos a esta conclusão: quase todos os livros serão traduzidos ou em outro idioma.

É um fato que a igreja evangélica brasileira tem crescido nos últimos anos. O significativo aumento de seminaristas e seminários aponta para isto. Mas é realidade também que a maioria dos nossos seminários é pobre no incentivo à reflexão teológica e pouco desafiador no objetivo de produzir uma teologia evangélica contextualizada brasileira. Somos muito mais seminaristas de manuais traduzidos do que articuladores de uma teologia autóctone, que dialogue profundamente com a nossa realidade.

A constatação deste fato é um convite, um desafio. Não devemos deixar de dar ênfase às missões e à evangelização. Devemos, além disso, dedicar-nos mais à reflexão, a partir da Palavra de Deus para a nossa realidade, e a partir desta para a Palavra. Deste esforço deverá nascer uma missão mais obediente, fiel e contextualizada.

Conforme se pode ver no conteúdo deste Boletim, o objetivo da F.T.L. é reunir pessoas em cujo coração Deus tenha colocado sensibilidade para perceber essa necessidade.

Este Boletim e, portanto, um esforço conjunto pa-

ra o enriquecimento do Corpo de Cristo e a expansão do Reino. É um órgão aberto, de circulação interna.

Neste primeiro exemplar, decidimos dedicar um pouco mais de espaço para a própria F.T.L., que é, para muitos, uma ilustre desconhecida. A nível de Brasil, estão sendo articulados dois grupos da F.T.L.: um no Sul, sob a coordenação do Pr. Arzemiro Hoffmann, e outro no Centro, com o Pr. Hitoshi Watanabe. Há, além disso, uma série de pessoas, espalhadas pelo Brasil, que conhecem a F.T.L. de nome e se identificam com a sua proposta.

Lançando este boletim, manifestamos a nossa intenção de ter um veículo desta espécie na nossa própria língua, e o anseio de termos uma plataforma para a circulação de uma embrionária teologia brasileira, que seja profundamente bíblica, procedendo a uma leitura séria da nossa realidade e a ela respondendo adequadamente.

É um boletim simples! Artesanal! Quer ser semente
-SEMENTE DO REINO.

ESTATUTOS DA FRÁTERNIDADE TEOLÓGICA
LATINO-AMERICANA

ARTIGO 1

A Fraternidade Teológica Latinoamericana (F.T.L.) é uma sociedade sem fins lucrativos, composta de pensadores evangélicos comprometidos com a vida e a missão das igrejas evangélicas da América Latina.

ARTIGO 2

São objetivos da F.T.L.:

- a) Promover a reflexão acerca do Evangelho e o seu significado para o homem e a sociedade na América Latina.

Trata-se de estimular o desenvolvimento de um pensamento evangélico atento à Palavra de Deus e que leve a sério as perguntas suscitadas pela vida na América Latina. Aceita, para a sua reflexão, o caráter normativo da Bíblia como Palavra escrita de Deus, e se esforça para escutar, sob a direção do Espírito Santo, a mensagem bíblica em sua relação com as realidades da situação concreta.

- b) Constituir-se em plataforma de diálogo entre pensadores que confessem a Jesus Cristo como Senhor e Deus, e que estejam dispostos a refletir à luz da Bíblia, a fim de construir uma ponte entre o Evangelho e a cultura latino-americana.
- c) Contribuir para a vida e missão da Igreja de

Cristo na América Latina, sem pretender falar em nome da Igreja, nem assumir a posição de porta-voz teológico do povo evangélico no continente latino-americano. (É uma comunidade de pensadores que estão a serviço de Cristo e de sua Igreja, convictos do valor da reflexão teológica em relação ao Ser e o Fazer da Igreja.

ARTIGO 3

As preocupações da F.T.L. estão relacionadas com problemas que se inserem dentro das seguintes áreas da vida cristã na América Latina.

1. Teologia Bíblica - Ou seja, a reflexão sobre a Palavra de Deus, tal como ela encontra ao homem latino-americano de hoje com suas peculiaridades culturais, que, por um lado, ilustram a mensagem evangélica e, por outro, são ilustradas por este.
2. Ética - Ou seja, a aplicação das verdades bíblicas a um estilo de vida que expresse a fidelidade a Cristo, dentro das exigências específicas da vida pessoal e social na América Latina.
3. Estrutura e história da Igreja - Ou seja, a revisão constante, à luz da Palavra de Deus e do processo histórico, das práticas, instituições e movimentos surgidos ao calor do impulso missionário do Espírito Santo dentro das estruturas da vida na América Latina.
4. Apologética - Ou seja, a interação dinâmica surgida das interrogações que as ideologias vigentes na América Latina apresentam ao pensamento evangélico, bem como o desenvolvimento de uma atitude e um pensamento crítico do mundo latinoamericano a partir da revelação de Jesus Cristo.
5. Educação Teológica - Ou seja, o estudo da pro-

blemática que segue à transmissão da mensagem do Evangelho, e a formação acadêmica para a dita transmissão e para a reflexão contínua a partir da situação latino-americana.

6. Ministério Pastoral - Ou seja, a compreensão da pessoa humana em sua conduta individual e social e a forma em que a mensagem do Evangelho ilumina suas crises e a ajuda em suas fraquezas, tanto no contexto da comunidade cristã como no da sociedade global.

ARTIGO 4

São membros ativos no seio da F.T.L. os que preenchem as seguintes condições:

- a) Que estejam plenamente de acordo com o espírito e os objetivos da F.T.L., expressos no artigo 2.
- b) Que sejam membros ativos e em plena comunhão em sua respectiva comunidade eclesial.
- c) Que sejam apresentados por um membro ativo, convidados pelo comitê diretivo e aceitos pela assembléia da F.T.L. .
- d) Que escrevam um "trabalho" de ingresso para a F.T.L. , o qual será avaliado pelo comitê diretivo de acordo com os seguintes critérios:
 1. originalidade;
 2. uso adequado das fontes e ferramentas de investigação teológica;
 3. pertinência à situação latino-americana.
- e) Que dêem por escrito, um informe anual de seu trabalho teológico detalhando os títulos de livros, capítulos, artigos onde apareçam. Convida-se cada membro a enviar um exemplar de cada trabalho para ser arquivado no escritório da F.T.L. e assim estar a disposição de outros membros.
- f) Que contribuam com a cota anual fixada pelo comitê diretivo.

A F.T.L. é dirigida por dois órgãos: a assembléia e o comitê diretivo.

ARTIGO 9

A assembléia compõe-se de todos os membros ativos e reúne-se normalmente cada 4 anos, sob a direção do Presidente do Comitê Diretivo e com um quórum de metade mais um dos membros.

São atribuições da Assembléia:

- a) Reunir-se para atividades relacionadas com seu propósito;
- b) Ratificar a aceitação de novos membros, assim como a desqualificação dos membros que deixem de satisfazer os requisitos assinalados no artigo 4;
- c) Eleger os diretores e o coordenador de entre seus membros ativos, por indicação do Comitê Diretivo, ou de qualquer de seus membros.

ARTIGO 10

O Comitê Diretivo se compõe de seis diretores e do coordenador e se reúne normalmente uma vez por ano com um quórum de 4 de seus membros.

1. São atribuições e deveres do Comitê Diretivo:

- a) Dar direção à F.T.L. e resolver qualquer problema que surja entre as reuniões da assembléia; dar um informe anual da marcha da Fraternidade aos membros da mesma;
- b) Convidar pensadores evangélicos para ingressar na F.T.L. como membros ativos ou associados, ad referendum da Assembléia;
- c) Propor à Assembléia candidatos para o Comitê Diretivo em caso de eleições e, se for necessário, nomear pessoas que cubram qualquer vaga interinamente, até a reunião seguinte da Assembléia;
- d) Preparar o programa da reunião quadrienal da Assembléia;

- e) Eleger uma comissão para revisão de contas;
 - f) Tramitar a consecução de informações e fundos para sabáticos e bolsas de estudos;
 - g) Receber os bens, móveis e imóveis, e dispor dos mesmos, conforme os propósitos da F.T.L
 - h) Propor os diretores das comissões de trabalho nas seis áreas de estudo assinaladas no artigo 3;
 - i) Desqualificar os que deixarem de cumprir os requisitos de membro, ad referendum da Assembléia.
2. Os membros do Comitê Diretivo são eleitos por 4 anos, com a responsabilidade de que três dos diretores sejam reeleitos.
 3. O Comitê Diretivo elege o seu próprio presidente e secretário de atas, cujo mandato dura 4 anos.

ARTIGO 11

O Coordenador é o secretário executivo e o tesoureiro da Fraternidade, com voz e voto no Comitê Diretivo.

1. O candidato deve reunir os seguintes requisitos:
 - a) Ser membro ativo da Fraternidade;
 - b) Ter demonstrado idoneidade para o cargo;
2. São atribuições e responsabilidades do coordenador:
 - a) Preparar, juntamente com o Comitê Diretivo, o programa da Assembléia quadrienal da Fraternidade, assim como coordenar as reuniões das diferentes comissões de trabalho;
 - b) Supervisionar a publicação e distribuição de um boletim teológico e outros materiais que contribuam para o êxito dos propósitos da Fraternidade;
 - c) Encarregar-se das relações públicas da Fraternidade;

-
- d) Conduzir um registro dos membros ativos e associados;
 - e) Buscar fundos, cujo uso não comprometa os princípios e objetivos desta organização, e administrar seu encaminhamento para o desenvolvimento da Fraternidade, e dar conta deles;
 - f) Coordenar a visita de pensadores evangélicos para a realização de conferências teológicas e pastorais nas diferentes regiões da América Latina.
 - g) Levar a cabo qualquer programa que o Comitê Diretivo tenha por bem atribuir-lhe e explorar novas formas de trabalho para o cumprimento dos objetivos da Fraternidade.
 - h) Apresentar ao Comitê um informe semestral do desenvolvimento das comissões e das atividades da F.T.L. em geral.

EVENTUALIDADES

ARTIGO 12

Estes estatutos podem ser emendados pelo voto de dois terços dos membros ativos em assembléia convocada especialmente para este fim.

ARTIGO 13

A F.T.L. pode dissolver-se somente pelo voto de dois terços de seus membros ativos reunidos em assembléia, convocada especialmente para este fim. Nenhum membro haverá de beneficiar-se pela dissolução da F.T.L., cujos bens serão transferidos a uma entidade evangélica que siga, na América Latina, propósitos similares aos da F.T.L.

ARTIGO 14

O Comitê Executivo zelará pela aplicação destes

estatutos e terá o direito de decidir em casos não contemplados nos mesmos, ad referendum da Assemblêia.

" EM BUSCA DA MISSÃO: REFLEXÕES SOBRE 'MELBOURNE'
E 'PATTAYA'"

David J. Bosch

Foi um privilégio para mim ser um dos integrantes do pequeno grupo de pessoas (aproximadamente 25) que assistiu às duas maiores conferências missionárias mundiais de 1980: a reunião da "Comissão para Missão Mundial e Evangelismo" (CMME), do Concílio Mundial de Igrejas, que aconteceu em maio de 1980 em Melbourne, na Austrália; e o "Congresso Mundial sobre Evangelização" (CME), organizado pelo Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial, acontecido em Pattaya, na Tailândia, em junho de 1980. Já que as duas conferências e os movimentos por trás delas representam, de maneira geral, duas diferentes e, frequentemente, opostas posições teológicas, pode servir a algum propósito estudá-las mais de perto e fazer uma comparação. Na verdade, o tema de nosso próprio Congresso e a tensão que encontramos exatamente entre nós mesmos e no cenário eclesial sul-africano, sem limitação, não é diferente das tensões teológicas apresentadas pelas duas conferências missionárias mundiais. Portanto, pode ser de ajuda se considerarmos o quadro global e, talvez, deste deduzir algumas orientações para nossa própria situação. Isto pode proporcionar-nos uma perspectiva muito necessária no frequentemente acalorado debate sobre nossas divergentes teologias locais.

Melbourne foi a terceira conferência da CMME (as outras duas foram: Mexico, 1963 e Bangkok, 1973). A

CMME tornou-se uma das "comissões" do Concílio Mundial de Igrejas quando o Concílio Missionário Internacional se integrou ao CMI, em sua reunião em Nova Delhi, em 1961. As origens do Concílio Missionário Internacional começam na famosa conferência de Jerusalém (1928), Tambaram, Índia (1938), Whitby, Canadá (1947), Willingen, Alemanha (1952) e em Achimota, Ghana (1958). Assim, a conferência de Melbourne refletiu 7 décadas de conceitos e cooperação missionária ecumênica.

A conferência de Pattaya, de certo modo, tem uma história mais curta. Seu antecessor imediato foi o "Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial", Lausanne (1974), o qual, por sua vez, se originou das conferências celebradas em Wheaton (Illinois, EUA) e Berlim, ambas no ano de 1966. Muitos evangélicos sustentam que o novo movimento evangélico é anterior a 1966, e que algumas das primeiras conferências missionárias, particularmente aquelas de Edimburgo, Tambaram e Willingen foram, de fato, evangélicas em seu caráter. Outros sustentam que todas as conferências do Concílio Missionário Internacional de desviam do verdadeiro entendimento bíblico de missão.

O tema de Melbourne foi uma oração: "Venha o teu Reino". Muito tempo foi usado nos pequenos grupos, em estudos bíblicos do "Pai Nosso", a oração do Senhor. Cada grupo consistiu numa variedade quase inimaginável de pessoas. Em meu próprio grupo, tivemos o diretor de um colégio de Burma, uma professora da Universidade das Filipinas, um russo ortodoxo arcebispo de Kiev, uma batista de Moscou, um pastor das Ilhas Cook, um trabalhador social finlandês ortodoxo, uma pastora da Igreja Reformada da Holanda, um padre franciscano do Vaticano, uma líder da Irmandade Feminina de Zimbábue, um arcebispo ortodoxo armênio, um pastor batista britânico, um executivo da missão americana e um bispo anglicano da Austrália. Arthur Glasser, num grupo de estudo bíblico diferente, comentou: "Nunca estive tão impressionado com o empobrecimento que os cristãos o-

casionaram a si mesmos resistindo a esta classe de 'encontro ecumênico'."

A maior parte do trabalho da conferência foi feito em quatro secções, como segue:

1. Boas novas para o pobre.
2. O Reino de Deus e os conflitos humanos.
3. O testemunho da Igreja para o Reino.
4. O Cristo crucificado desafia o poder humano.

Foram preparados relatos por secções e sub-secções os quais foram brevemente apresentados ao plenário, para ratificação. Deste modo, a conferência produziu um documento de 46 páginas.

O tema de Pattaya foi uma pergunta: "Como ouvirão?" O trabalho principal da conferência foi feito em 17 "mini-consultas" focalizando, respectivamente, judeus, hindús, budistas, muçulmanos, chineses, refugiados, marxistas, místicos e adeptos das seitas (cultistas), secularistas, habitantes das grandes cidades, habitantes de cidades do interior (indigentes urbanos), protestantes nominais, católicos e ortodoxos e membros de religiões tradicionais na América Latina, África e Ásia. Os relatos dessas mini-consultas foram apresentados a um número de sub-plenários, antes de serem distribuídos. Comparado com o relato de Melbourne, Pattaya produziu aproximadamente 520 páginas. Estes poucos comentários acerca das estruturas formais das duas conferências deverão ser suficientes. Agora procederei a uma reflexão crítica sobre a contribuição das duas conferências e os movimentos que elas representam. Pode ajudar se apresentarmos as duas posições opostas (ou talvez, mais frequentemente, as idéias que os cristãos têm, nos dois "campos", das posições de outros) por meio de duas colunas contrastantes. Nestas colunas, Melbourne é uma forma abreviada para nos referirmos ao entendimento de missão "ecumênico" e Pattaya para o ponto de vista "evangélico".

MELBOURNE

- * Mostra uma preferência pela "linguagem de Jesus" dos evangelhos.
- * Enfatiza o presente.
- * Começa com "as desordens do homem".
- * Põe em relevo a unidade (às expensas da verdade?).
- * Crê que Deus também se revela a si mesmo através da experiência contemporânea.
- * Enfatiza a ação (ortopraxis).
- * O comprometimento na realidade social é parte integrante (ou todo?) da missão cristã.
- * Ética social de primeira importância.
- * O pecado é também coletivo.
- * Missão=humanização=mudança social.
- * O "kerygma" serve de apoio à "koinonia" e "diakonia".
- * Enfatiza a libertação.
- * Ouve o pranto do pobre e do oprimido.
- * Considera o homem a partir da perspectiva da criação.
- * Julga o mundo positi-

PATTAYA

- * Mostra uma preferência pela linguagem das epístolas de Paulo.
- * Enfatiza o passado e o futuro.
- * Começa com os "desígnios de Deus".
- * Põe em relevo a verdade (às expensas da unidade?).
- * Crê que Deus se revela a si mesmo somente através de Jesus Cristo (e na Escritura, a igreja).
- * Enfatiza a palavra (ortodoxia).
- * A ação social está separada da missão; é resultado da conversão.
- * Ética pessoal de primeira importância.
- * O pecado é exclusivamente individual.
- * Missão=um chamado ao arrependimento=reunião dentro das congregações.
- * O "kerygma" é fundamental; dá origem à "koinonia" e à "diakonia".
- * Enfatiza a justificação e a redenção.
- * Ouve o pranto do perdido.
- * Considera o homem a partir da perspectiva da "queda".
- * Julga o mundo negativa-

vamente.

* Não há limites claros entre igreja e mundo.

* Considera o mundo como cenário principal da atividade de Deus.

* Acentua a credibilidade da Igreja.

* Preocupa-se em testemunhar onde a Igreja está.

* Divide o mundo entre ricos e pobres, opressores e oprimidos.

* Revela uma propensão ao socialismo.

* Põe em relevo a natureza humana de Jesus.

* Focaliza a atenção na universalidade de Cristo.

mente.

* Os limites entre a igreja e mundo estão claramente definidos.

* Considera a Igreja como o cenário principal da atividade de Deus.

* Acentua as oportunidades da Igreja.

* Preocupa-se em testemunhar onde a Igreja não está.

* Divide o mundo em "grupos de pessoas".

* Revela uma propensão ao capitalismo.

* Põe em relevo a natureza divina de Jesus.

* Focaliza a atenção na unicidade de Cristo.

Esta contigüidade dos dois encontros é, certamente, uma simplificação excessiva. Sem dúvida, há verdade suficiente neste quadro para causar preocupação e obrigar ambos, ecumênicos e evangélicos, a ocupar-se em ser verdadeiros resgatadores de almas. Há aqueles que, apaixonadamente, defendem uma posição contra a outra. Há, também, aqueles que buscam uma síntese das duas, um bom equilíbrio de aproximação. Nenhuma das duas soluções satisfaz, na verdade; a primeira crê demasiadamente em sua própria retidão, a segunda é demasiado fácil. Precisamos de um caminho que vá além de um e de outro e, ainda, além das próprias duas posições.

A IMAGEM DA IGREJA

Desde os primeiros dias do movimento ecumênico de Edimburgo (1910), tem acontecido uma mudança radical, ainda que gradual, no enfoque da missão da igreja. Durante as primeiras três décadas, a ênfase foi sobre o evangelismo. Durante as duas décadas seguintes, Tambaram (1938) e Nova Delhi (1961), a igreja ocupou o centro do cenário na reflexão ecumênica. Desde Nova Delhi, o mundo tem sido grandemente considerado como o principal foco da preocupação de Deus. Pessoas como Hans Hockendijk, Paul Lehmann e Richard Shaul foram responsáveis particularmente pela mudança da ênfase de igreja para mundo. A missão, disse Hockendijk, não é o caminho da igreja (mais antiga) para a igreja (que está começando), mas o caminho de Deus para o mundo.

De fato, fica alguma ambigüidade acerca da natureza e tarefa da igreja no movimento ecumênico. Isto também surgiu em Melbourne. Na secção 3, no "Testemunho da Igreja para o Reino", o entendimento tradicional de igreja dominava: igreja como corpo de Cristo, identificavelmente diferente do mundo, mas enviada ao mundo para testemunhar o Reino de Deus e convidar as pessoas a se tornarem membros (da igreja). Em três outras sessões havia uma tendência de ver a igreja em diferentes categorias, particularmente em categorias de credibilidade (ou não-credibilidade), de culpa, de ser um obstáculo para a transmissão do Evangelho. Já não foi mais considerada como uma entidade espiritual, fora do âmbito das divisões humanas e suas tensões, e sim como parte integrante da injusta ordem social. No relato da secção 1, faz-se menção das igrejas "(as quais) são indiferentes à situação do pobre ou, ainda pior, ativamente aliadas com as forças que os fazem pobres". O relato também se refere à "empresa missionária das igrejas ... as quais foram financiadas com lucros, sendo conduzidas em alianças com forças opressoras e (as quais) têm deixado de unir-se à luta do pobre e o oprimido contra a injustiça".

"Sem dúvida, isto não é desafio", interveio Emílio Castro, o hábil e simpático diretor do CMI, quando este parágrafo foi exposto ao plenário. "Há uma diferença", disse ele, "entre masoquismo e arrependimento, e o que nós temos ouvido foi mais sobre o primeiro do que sobre o segundo". Apesar de sua objeção, este parágrafo passou virtualmente inalterado. O estado de ânimo da conferência se encaminhou no sentido de "castigar" particularmente as igrejas e a sociedade ocidental.

Em Pattaya, a disposição de ânimo foi diferente, como também foi diferente o entendimento "de igreja". Os evangélicos frequentemente falam na ampla visão da imagem bíblica de como surgiu a igreja, por exemplo, nos estudos de Paulo Minear e Avery Dulles. Este desenvolveu as imagens de uma instituição, um sacramento, uma comunhão mística, um arauto e um servo. Nos círculos evangélicos, o modelo de um arauto predomina, como pode ser notado na (crescente) influência do movimento de "Church Growth" (Crescimento da Igreja) no evangelismo. A missão é entendida quase exclusivamente em termos de aumento numérico de membros. A quantidade parece ser mais importante que a qualidade, nesta "Teologia da colheita". Isto é compreensível se considerarmos o fato de que o propósito dominante do evangelismo é salvar pessoas da condenação eterna. Obviamente, se é assim, então o número de indivíduos salvos é de suma importância. Portanto, está se fazendo pouco caso dos aspectos orgânicos e de encarnação da igreja em seu próprio desenvolvimento. Esta preocupação com o modelo de arauto conduz, inevitavelmente, a uma eclesiologia estreita, que frequentemente dá lugar ao triunfalismo.

Outra diferença entre Melbourne e Pattaya reside no fato de que, em Pattaya, a igreja foi vista mais no contexto de suas oportunidades do que em sua credibilidade. Durante uma discussão sobre Melbourne, que ocorreu em Pattaya, Waldron Scott, secretário geral da A-

liança Evangélica Mundial, disse o seguinte: "O assunto e a preocupação geral em Melbourne foi: 'Nós temos perdido nossa credibilidade. Não temos o que dizer ao mundo'. Porém, e as oportunidades ilimitadas entre as pessoas que estão abertas ao evangelho?" Vinay Samuel, teólogo evangélico na Índia, também criticou o CMI por sua estreita visão de fé e por sua inabilidade em continuar crendo e trabalhando para a evangelização do mundo inteiro. Em contraste com Melbourne, Pattaya produziu uma estratégia imaginativa global. Identificou vários "povos ocultos" e especificou formas de chegar a eles.

Poderíamos dizer muito acerca destas duas imagens contrastantes de igreja. Não penso que possamos dizer que uma é certa e a outra errada. No entanto, podemos dizer isto: o desespero acerca da igreja, que está penetrando em algum círculo do CMI, não é justificável, como também não é justificável a presunçosa confiança nas linhas do Comitê de Lausanne para Evangelização do Mundo.

EVANGELISMO E AÇÃO SOCIAL

Uma das maiores diferenças entre Melbourne e Pattaya é encontrada na forma em que é definida "missão", nos dois movimentos. Isto segue o que já temos dito, mas como este é um problema de muitos ângulos, é próprio assinalar alguns pontos.

Melbourne vê o homem a partir da perspectiva da criação. Isto tem várias conseqüências:

Primeira: O movimento ecumênico vê o envolvimento social não como algo sobreposto ao Evangelho, mas como parte inerente e resultado dele. O Evangelho não consiste numa dualidade de visão do homem e da sociedade. A salvação não é somente espiritual.

Segunda: O Reino de Deus (e, recordemo-nos, o te-

ma de Melbourne foi a oração "Venha o Teu Reino") não é somente uma realidade futura. Em Cristo, o Reino já veio. "Se alguém está em Cristo, é nova criatura, as coisas velhas já passaram, eis que se fizeram novas", 2 Co 5.17. Algo desta nova ordem deveria ser manifestada nas sociedades em que vivemos, porque a vontade de Deus deve ser feita assim na terra como no céu.

Terceira: Neste critério, os direitos humanos têm uma posição própria muito alta, mais alta que "lei e ordem", e ainda mais alta que a constituição.

Quarta: O pecado não é somente um assunto individual, mas também um problema social, estrutural e institucional. O problema com este tipo de pecado, sem dúvida, é que frequentemente não pode ser derivado de indivíduos identificáveis. Estes pecados estão como que entrelaçados dentro da trama da própria sociedade. Poderíamos também chamá-los pecados coletivos. Jacques Ellul está certo quando diz: "O que é característico deste tipo de pecado é que ninguém o comete, ele já foi cometido".

Quinta: Concretamente, em Melbourne tudo isto significou que a promessa do pobre e oprimido saía do coração. Melbourne veio depois: ajudou a vencer a tradicional relação entre o que dá e o que recebe, observando que não é tanto o pobre que necessita da igreja, mas é a igreja que necessita do pobre, caso ela queira ser sincera para com seu Senhor; uma igreja pobre, em vez de uma igreja para o pobre. Melbourne redescobriu uma velha tradição: que o pobre é o tesouro da igreja. Também rechaçou o argumento de que a Bíblia somente fala acerca do pobre de espírito. Reconheceu que seria irresponsável da parte do rico dizer tolices aos pobres ao dizer-lhes "Bem-aventurado os pobres". Rompeu com o mecanismo de defesa (Teológico), de acordo com o qual Deus está interessado somente em nossa atitude no tocante a nossas posses. Argumentou que muita, se não a maioria, da pobreza mundial é diretamente resultado de exploração e que frequentemente os cristãos estão

envolvidos no nocivo negócio de criar pobreza.

Pessoalmente, poderia subscrever esses cinco pontos. No entanto, tenho dificuldades com alguns de seus corolários (resultados que as posições antes referidas produzem inevitavelmente):

Primeiro: É correto que estamos e deveríamos estar envolvidos na reestruturação da sociedade aqui e agora. Porém, a menos que nossa salvação esteja fundamentada no passado, na revelação de Deus em Cristo crucificado e ressurreto, e a menos que ela se estenda até o futuro, até a consumação total desta nossa salvação, estaremos comprometidos em um esforço fútil de construir o Reino de Deus com nossas próprias mãos.

Segundo: Julgar o pecado em categorias primordialmente institucionais e coletivas pode conduzir, pelo menos a alguns, a considerarmo-nos somente como vítimas inocentes, como pessoas inatamente boas; isto obscurece a difícil realidade da arraigada propensão ao egoísmo e à corrupção do homem.

Terceiro: Há um verdadeiro perigo de beatificar os pobres por serem pobres, ao olhá-los como eleitos, como cidadãos do Reino por serem pobres. O teólogo japonês Kosuke Koyama ocupou-se com este problema em seu discurso, na secção 4, em Melbourne: " Quando o pobre é elevado à altura da história, quando toda a humanidade está centrada na presença do pobre, quando o pobre é o único mediador através do qual vemos a Deus em Cristo, então uma nova idolatria foi criada, da qual o próprio pobre não é sabedor. Então a humanidade toda está dividida em duas secções, ambas sem rosto algum: o rico e o pobre".

As observações de Koyama, feitas com percepção, sem dúvida não deveriam ser consideradas como justificação do ponto de vista de acordo com o qual deveríamos preocupar-nos somente com os pobres de espírito. Deixem-me assinalar-lhes algo acerca do que Raymond Fung leu na secção 1 em Melbourne. Fung trabalha entre

os trabalhadores empobrecidos e os desempregados de Hong Kong, onde pode se encontrar toda uma família vivendo em somente um quarto de três metros quadrados. No final de um comovedor chamado à evangelização do e por meio do pobre, Fung disse: "Deus tem um amor preferencial pelo pobre. Deus também tem um amor preferencial pelo pobre de espírito. Porém, eu só posso dizer que Deus aceita o pobre em espírito porque Deus já aceitou o pobre... As boas novas são para o pobre e para aqueles que se aproximam do pobre, por exemplo, o pobre em espírito. O pobre é o original, o pobre de espírito é a cópia... É presunçoso à cópia querer ser o original..."

O relato final da seção 1 refletiu alguns dos discernimentos de Fung. É incorreto dizer - como alguns comentaristas têm feito - que Melbourne somente falou por e a respeito do material e politicamente pobre, ainda que houvesse, reconhecidamente, uma *inegável predisposição* nesta direção. A sra. Wanjiku Chiuri, do Kênia, presidente da seção 1, referiu o assunto ao plenário da seguinte maneira: "É difícil transmitir a idéia de 'pobre espiritualmente' aqueles que são pobres materialmente. Admitimos que tínhamos uma predisposição para isto". Pessoalmente, creio ser difícil achar falha nisso. Pode haver ainda uma pequena dúvida de que os anos 80 serão assinalados por um crescente desequilíbrio econômico e que a igreja terá que tomar isto em consideração. Melbourne decidiu fazer assim. De fato, há pessoas que têm se desgostado com a tendência de as conferências colocarem mais atenção na pobreza material, em vez de na pobreza espiritual. No entanto, é totalmente certo que aqueles que assim se desgostam não são materialmente pobres. Melbourne enfocou a visão do público no pobre de uma forma tal que se faz difícil continuar ignorando-os. O único problema que tive, foi com a tendência de elevar o materialmente pobre, por si só, a uma categoria teológica.

Talvez Pattaya possa nos ajudar aqui. A mini-con-

sulta sobre "Alcançar os moradores das cidades do interior" afirmou: "Chegamos à conclusão de que não podíamos dizer que Deus está predisposto ao pobre. Deus é um Deus de justiça. E a pobreza é uma expressão de injustiça. É o mundo que está predisposto contra o pobre. Deus está predisposto para a justiça".

Quarto: Em Melbourne houve um perigo de apagar a diferença entre igreja e mundo, de ignorar a linha de limite entre os dois. A igreja ficou no perigo de tornar-se somente outra agência humana para o melhoramento da sociedade. A história da salvação perdeu seu caráter único. Porém, onde isto acontece, frequentemente ocorre uma mudança muito peculiar: a história do mundo começa a assumir atributos messiânicos e de salvação histórica. Dizendo de outro modo: uma nova teologia da história surge, onde certos eventos históricos assumem a qualidade de revelação, onde Deus é visto agindo em eventos políticos e revolucionários. Em Melbourne, isto foi praticamente evidente nas contribuições de alguns latino-americanos. Julia Esquivel, por exemplo, viu na vitória do povo da Nicarágua uma "gloriosa experiência da ressurreição de Cristo"; Israel no caminho para fora da escravidão egípcia "pode significar agora, para nós, Zimbawe, El Salvador, Nicarágua ou Guatemala".

O problema aqui é que se procura uma linha de ligação direta entre certos eventos históricos, selecionados por nós mesmos, e a revelação de Deus. As categorias bíblicas tornam-se confusas e o Cristo sofredor (quase sem nenhuma qualificação) é identificado com aqueles que estão comprometidos com uma determinada luta de libertação. Isto conduz, entre outras coisas, a uma maneira de ser cruelmente seletiva em nosso juízo crítico de situações de opressão. Tem se tornado costume nos círculos ecumênicos ser muito renuente e não levantar a voz contra as infrações dos direitos civis em países socialistas e do Terceiro Mundo. Algumas vítimas de opressões experimentam ser extremamente difí-

cil atrair alguma atenção, provavelmente porque não estão sendo oprimidos pelas pessoas da categoria "correta". Em Melbourne virtualmente não havia, por exemplo, referência à situação dos milhões de refugiados no sudeste da Ásia, vítimas do genocídio por parte dos poderes marxistas. A menos que "concerte" esta sua incapacidade de ser imparcial no afã pela paz, a credibilidade do CMI estará em perigo. U Kyav Than, da Birmânia, inteligentemente assinalou em Melbourne: "Temos sido mais caridosos com os países socialistas do que com os capitalistas". Isto foi posteriormente sublinhado pelo fato que representantes de países do ocidente, com freqüência, castigaram rudemente suas próprias sociedades, oportunidade que as sociedades dos países marxistas (particularmente a Rússia) aproveitaram para elogiar as suas próprias virtudes.

O ponto de partida de Pattaya difere do de Melbourne. Considerando que Melbourne enfocou o homem a partir da perspectiva da criação, Pattaya o enfocou da perspectiva da queda. O homem é, em primeiro lugar, um pecador com necessidade de redenção. Esta premissa permitiu a Pattaya a adoção teológica de algumas sólidas posições.

1. Pattaya sabia que "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23). Ninguém tem direitos a reclamar diante de Deus. Todos somos igualmente dependentes de sua graça.
2. Pattaya sabia que a igreja é a comunidade dos crentes, que concede o perdão dos pecados, vivendo em comunhão com a divina Trindade, e que é enviada para servir o mundo em solidariedade com toda a humanidade e a proclamar a mensagem do amor de Deus. Há, portanto, uma clara distinção entre igreja e mundo.
3. Pattaya reconheceu que necessitamos de homens novos, se é que queremos ter a esperança de um novo mundo, e que, para tornar-se tal homem novo, a pessoa tem que experimentar um encon-

tro vivificante e pessoal com o Cristo ressuscitado. A raiz dos problemas do mundo é espiritual e tem que ser reconhecida como tal. Portanto, é inadequado entender o Evangelho somente em termos de libertação social e política. Fazer caso omisso da centralidade do arrependimento, redenção e fé é despojar o Evangelho de seu significado central.

4. Pattaya reconheceu que é Deus, unicamente, que trará o seu Reino, e não o homem. Nós não realizaremos a "utopia", não importa quão arduamente nos esforcemos. O que é mais: mesmo que tentemos isto com toda nossa energia, simplesmente nos sentiremos mais e mais frustrados. Já em 1956, Edward Duff, S.J., em seu estudo sobre "O pensamento social do Concílio Mundial de Igrejas", percebeu isto quando escreveu o seguinte: "A esperança de que o homem pode tomar sobre si os problemas (cargas) do mundo é uma ilusão que conduz o homem da ansiedade ao desespero...". (p.146)

Apesar destes discernimentos positivos em Pattaya, houveram outros aspectos que foram inquietantes.

Talvez esses pudessem ser incluídos no que poderíamos chamar de entendimento micro-ético da fé cristã em Pattaya. Em um livro recente, C. Peter Wagner - que, incidentalmente, desempenhou um papel importante em Pattaya - diz que os evangélicos são identificados por um "código de vida que inclui certa conduta positiva, qualidades tais como leitura diária da Bíblia e oração, dar graças pelos alimentos e uma participação regular nos cultos e vida da igreja; como também certas qualidades negativas, como a total abstinência do uso, mesmo moderado, do fumo, bebidas alcóolicas e da linguagem blasfema no falar".

Isto sugere que a obediência do cristão se mantém dentro dos limites da vida pessoal e doméstica. O mun-

do fica fora da esfera do discipulado cristão, porque está sob o "poder do maligno" (1 Jo 5.19, compare Jo 16.11) e não é realmente redimível. Isto não significa, no entanto, que Pattaya não estava preocupada com uma ação social. As organizações de ajuda evangélicas, como a "Visão Mundial", "Alívio Mundial" e "Tear Fund", para nomear só algumas, foram muito evidentes em Pattaya e estão indiscutível e profundamente entregues a centenas de projetos sociais. De fato, isto foi dramatizado em Pattaya, sendo uma noite inteira posta à disposição para discutir o problema dos refugiados, particularmente das centenas e milhares de pessoas na Tailândia, que fugiram do Vietnam, Camboja e Laos. Nessa ocasião, alguém que estava intimamente envolvido com o cuidado aos refugiados na Tailândia disse à Assembléia: "Nesta noite, enquanto estamos assentados aqui em Pattaya, não nos esqueçamos que, a poucas centenas de milhas daqui, quase meio milhão de cambojanos estão acorados, juntos, no lamacento pantano na fronteira cambojana, esperando uma oportunidade de atravessar para a Tailândia". Sua organização, abertamente evangélica, é normalmente uma das primeiras a oferecer ajuda aos refugiados.

Para mim, todavia, em tudo isto houve um elemento inquietante. Deixem-me explicar: fez-se menção frequentemente do número de cambojanos refugiados nos campos de Thai que haviam voltado para Cristo- mais, de fato, em um ano ou dois do que em 50 anos de trabalho missionário em "forma regular" no Camboja, antes de os comunistas o tomarem. Não duvido destas estatísticas, mas tenho algumas reservas:

1. Parece não haver tido inquietação a respeito da possível motivação para estas conversões e do valor que têm audiências cativas em campos, com uma poderosa presença de organizações cristãs de ajuda, que poderiam ter a chave da vida futura dos refugiados.
2. Muitas pessoas, inclusive oradores, chegaram até a louvar a Deus pelo desastre acontecido

aos cambojanos, já que isto os fez cõscios de sua necessidade de Cristo.

3. A maneira pela qual Pattaya encarava os problemas sociais era, basicamente, concebida ao longo de linhas de operação de resgate depois de um desastre haver ocorrido, pouco se importando com as causas do desastre.

Citando a "Declaração de Preocupações" que circulou privadamente em Pattaya, temos um grupo de trabalho para alcançar os refugiados, porém nenhum para alcançar aqueles que são consideravelmente responsáveis pela situação dos refugiados ao redor do mundo todo: políticos, forças armadas, combatentes livres, oligarquias e os controladores do poder econômico internacional.

Isto me conduz, uma vez mais, ao que chamei de entendimento microético do movimento evangélico da fé cristã.

Hã, na verdade, duas posições principais aqui. Uma delas tem se tornado conhecida como "os dois mandatos", entendendo missão no sentido de incluir tanto o evangelizar como a responsabilidade social, mantendo prioridade no evangelismo. Em anos recentes, John Stott em particular, tem defendido esta posição. Ela também foi confirmada no Documento de Lausanne, parágrafo 5. Stott admite que seu próprio modo de ver este assunto mudou desde o Congresso de Berlin, em 1966. Particularmente em relação à forma "joanina" da grande comissão (Jo 20.21, confronte com 17.18), ele agora crê que " a comissão propriamente dita deve ser entendida no sentido de incluir a responsabilidade social, tanto quanto a responsabilidade de evangelizar, a menos que nos queiramos tornar culpados de distorcer as palavras de Jesus".

Precisamente dentro do Comitê de Lausanne para a Evangelização Mundial há, sem dúvida, algo da luta poderosa entre aqueles que são partidários desta visão

extensa de missão e evangelismo (onde evangelismo e ação social são mais ou menos sócios iguais, ainda que evangelismo retenha sua primazia) e o estreito ponto de vista, de acordo com o qual o envolvimento social é um adjunto, e não algo essencial e intrínseco ao caráter do Evangelho: em outras palavras, quando muito um fruto ou consequência do evangelismo. Neste ponto de vista, o Evangelho somente está preocupado em trazer as pessoas a uma correta relação com Deus. Quando isso acontece, instituições sociais corruptas e práticas injustas gradualmente se atrofiam por si mesmas, como sucedeu no caso da escravidão.

Não posso, de maneira nenhuma, subscrever tal ponto de vista. Considerar o envolvimento e a ação social como um mero fruto do Evangelho é divorciar a fé da vida pública, assumir um ponto de vista de realidade apenas circunscrito a si mesmo e sucumbir ante a insidiosa influência do pensamento grego dualista. Isto deixa um campo livre, aberto a todos os demônios de potência em política e cria menos ajuda política face às injustiças sociais. Uma vez que subscrevamos o princípio da não-intervenção, irrevogavelmente seremos arrastados até permitir que nosso pensamento e modo de vida sejam moldados pelos pontos de vista da sociedade vencida (Rm 12.21). Daí até encontrar justificação teológica para a ordem social dominante é só um passo, particularmente se essa sociedade permitir a evangelização contínua sem estorvo algum.

Deixem-me ilustrar. Durante a discussão sobre Melbourne em Pattaya, um evangélico negro sul-africano disse que havia achado desrespeitosa muita coisa da discussão sobre a comparação entre Melbourne e Pattaya, isso porque tanto ecumênicos como evangélicos oprimiram os negros da África do Sul e, provavelmente, os evangélicos foram mais culpados que os outros. Posteriormente, fui interpelado pela IDEA, a agência de imprensa evangélica alemã e fui perguntado se estava de acordo com essa afirmação. Minha resposta foi que eu

pensava que, de fato, havia alguma validade nela. Isto foi relatado numa carta de notícias da IDEA, e assim chegou à África do Sul. Então, em um dia de setembro do ano passado, recebi uma chamada telefônica do diretor de uma organização evangélica muito ativa na África do Sul. Ele queria saber se eu havia sido entrevistado corretamente, o que confirmei. Ele, então, expressou grande preocupação acerca do fato de que esta pequena parte da reportagem poderia, no futuro, causar grandes complicações em suas (e de outros evangélicos) oportunidades de obter vistos para outros países e, assim, arriscar a causa do evangelismo. Ele parecia estar completamente despreocupado acerca da possibilidade de que o sul-africano pudesse haver estado em seu direito em tudo o que disse. A evangelização tem tão alta prioridade que deveria ter permissão de continuar sem impedimento algum, a todo custo...

Disse antes que Melbourne revelou uma certa predisposição para o socialismo; Pattaya, creio eu, revelou uma predisposição para o capitalismo. Caso contrário, por que somente o marxismo foi considerado como não-cristão, e não o capitalismo? De que outro modo podemos explicar o fato de que houve em Pattaya uma mini-consulta sobre "Alcançando os marxistas", porém não houve nenhuma sobre "Alcançando os capitalistas"? Não é verdade que os evangélicos têm se esforçado por admitir os valores de nossa opulenta sociedade materialista para formar seu pensamento, e que o fato de os regimes capitalistas normalmente os deixarem sem perturbação, sob a condição de não interferirem com política, tem tido o efeito de entorpecer sua habilidade de encarar criticamente a ideologia do capitalismo?

Nem todos, entretanto, subscreveram o ponto de vista de que evangelismo nada tem a haver com envolvimento e protestos sócio-políticos. Já me referi antes, quanto a isso, à "Declaração de Preocupações" que havia circulado privadamente e, eventualmente, obteve as adesões de aproximadamente um terço dos participantes.

As "Declarações" repreenderam a conferência por haver retraído, na verdade, da posição avançada em Lausanne, onde foi afirmado que "a mensagem da salvação também implica numa mensagem de juízo sobre qualquer forma de alienação, opressão e discriminação, e não deveríamos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam" (Pacto de Lausanne, parágrafo 5). A conferência principal, no entanto, ignorou a "Declaração". Um editorial na revista "Christianity Today" (8 de agosto 1980) colocou a questão da seguinte maneira: "Algumas pessoas tentaram transformar o congresso na Tailândia em uma conferência sobre preocupação social, porém a direção procurou, em sua maioria, conservar o grupo no trilho!" Peter Wagner, numa contribuição de Pattaya não publicada, comentou: "uma voz minoritária na Conferência tentou desalojar o evangelismo de sua posição principal na missão da igreja... LCWE não somente disse 'não' à posição do CMWE sobre a primazia do serviço social, como também o disse àqueles irmãos evangélicos que estão tentando utilizar a palavra evangelismo com significados que nunca teve. Caso eles tivessem prevalecido, uma nova palavra teria que ser inventada, porém LCWE deteve a linha neste ponto."

No entanto, apesar deste obstáculo " oficial" a qualquer tentativa de introduzir a dimensão social, ao menos dois relatos de mini-consultas expressaram claramente a convicção de que é insustentável divorciar o evangelismo da preocupação social. Essas foram as consultas sobre Marxismo (presididas pelo sul-africano Philip Le Feuvre) e sobre a pobreza urbana.

O CARÁTER DAS DUAS CONFERÊNCIAS

Até aqui, mostrei que tenho sérias reservas tanto para com Melbourne, como para com Pattaya, mesmo havendo experimentado algumas coisas que apreciei profundamente. Agora gostaria de acrescentar uma observação

final, a qual se refere ao que poderíamos chamar de "caráter" das duas reuniões. E aqui meu voto tem que ir para Melbourne.

Apesar de todas as minhas frustrações com Melbourne, tenho o sentimento de que foi, essencialmente, uma reunião totalmente aberta. Houve realmente diálogo. Houve oportunidades de interação no plano entre os oradores e, particularmente, entre plenários e entre seções. Os participantes disseram suas opiniões sem sentimentos de inibição. As pessoas sofreram intensamente juntas, admitiram que diferiam, fizeram esforços para caminhar adiante.

Tudo isso foi dramatizado de forma especial no último dia da conferência. No curso dos dias anteriores, várias resoluções foram adotadas, resoluções essas que condenavam ações do governo e a intervenção estrangeira na Coreia, Austrália, El Salvador, Guatemala, Estados Unidos e outros países "direitistas". Esforços para incluir referências a situações em países marxistas ou outros países do Terceiro Mundo foram reprimidos ou derrotados, ambos os casos, nas várias seções. Uma vaga referência à ausência de liberdade religiosa em alguns países, na seção 4 (parágrafo 10), foi ligeiramente insinuada pelo Metropolitano Anthony, de Lenígrado, para elogiar a liberdade religiosa que a igreja tem na Rússia e para defender o apoio leal da igreja ao estado soviético, com referência a Rm 13. No relato da seção 2 (parágrafo 32) houve outra alusão a casos particulares de "conflitos humanos", os quais não puderam ser identificados por que eram demasiado suscetíveis. Este parágrafo foi suficiente, sendo incluído à solicitação de um delegado da Europa ocidental. Senti, entretanto, que não havíamos ido muito longe. Assim, na última manhã, submetí uma resolução que, na sua forma final, dizia o seguinte:

"Desejamos afirmar que o que foi mencionado por países e situações específicas nas resoluções

desta conferência é, em parte, atribuído a acontecimentos atuais nesses países. Reconhecemos, entretanto, que há outros países onde poderes estrangeiros estão intervindo militarmente, e governos que oprimem, exploram, aprisionam e matam pessoas inocentes.

Podemos estar em condições de identificar alguns desses países e pessoas. Outros, no entanto, não ousamos identificar por uma razão muito simples: a identificação pública específica feita pela conferência pode prejudicar a posição (e até a vida) de muitos de nossos irmãos e irmãs, alguns dos quais são participantes desta conferência. Portanto, confessamos nossa pouca habilidade de sermos proféticos como deveríamos, já que isto poderia, em alguns casos, acarretar tremendos sofrimentos (martírio) para nossos companheiros crentes nesses países, coisa que não nos atrevemos a fazer desta distância em que estamos seguros. Sabemos que muitos deles sofrem sob diferentes regimes por sua fé em Cristo, e urge que a liberdade de consciência, assim como outros direitos humanos, seja respeitada. Ao mesmo tempo, queremos assegurar aos nossos irmãos e irmãs não-mencionados, em muitos países também não-mencionados, que não nos esquecemos deles; nós nos identificamos solidamente com seu sofrimento para o Reino de Deus".

Para minha surpresa, esta resolução despertou grande aplauso, o que foi clara indicação de que eu estava pondo em palavras o que muitas pessoas também sentiam. O presidente pediu que a resolução fosse duplicada e submetida à discussão na parte da tarde. Logo após ter voltado a submeter a moção nessa tarde, o Dr. Nazir Alo, decano de uma escola teológica do Paquistão, fez uma moção pedindo que fosse acrescentada uma emenda à minha resolução. Nessa emenda, a invasão russa ao Afeganistão era explicitamente condenada.

Quando ele se sentou, o pandemônio começou. Vários delegados russos falaram inflamadamente, defendendo a intervenção de seu governo no Afeganistão e ameaçando seu cancelamento no CMI, caso a emenda fosse aprovada. A sessão foi suspensa para a refeição. Assim todos tiveram oportunidade de refletir, antes de votar. Quando foi feita a votação, nessa noite, a emenda foi derrotada (66 votos contra, e 59 a favor). Aqueles que votaram contra a emenda, fizeram assim por diversas razões; a maioria presumivelmente não, por terem sofrido a invasão. Depois disso, minha resolução foi posta em votação e aprovada por uma grande maioria. Subseqüentemente, várias pessoas referiram-se a essa votação como sendo um dos momentos mais honestos da história do CMI. Outros estavam descontentes com a fraça admissão de "nossa pouca habilidade de sermos tão proféticos como deveríamos ser". Do meu ponto de vista, esta admissão de debilidade está em completa harmonia com o Evangelho, pois surgiu de uma pastoral preocupada com aqueles que sofrem por sua fé. Foi um estímulo que, posteriormente, vários representantes de países marxistas vieram agradecer-me. A moção, para eles, significou que sua luta havia sido reconhecida por um responsável e representante da assembléia do CMI.

Relatei este incidente, não porque creio que seja significativo em si mesmo, mas porque é indicativo da atmosfera em Melbourne. Representou um momento de crise, um momento de agonia, um momento em que a conferência se encontrou num ponto decisivo, quando podia ter tomado um ou outro caminho. Sentí que, apesar de todo o meu juízo crítico, havia uma abertura para novas reflexões e conclusões, uma boa vontade para assumir riscos.

Experimentei algo parecido em Lausanne, em 1974, também em PACLA (1976) e em SACLA (1979), porém não em Pattaya. De certa forma, Pattaya foi pré-empacotada. Como disse um participante: "Esta assembléia será, do ponto de vista de um ouvinte e observador cuidadoso,

um exercício de programação de conclusões antes do início". Talvez isso se devesse ao fato de que, como disse outro observador, "um pequeno grupo de amigos evangélicos convidou um grande grupo de amigos evangélicos" para se encontrarem em Pattaya. Faltou à conferência, portanto, aquela imagem de Melbourne, onde ecumênicos e evangélicos, ortodoxos e católico romanos brigaram juntos com o tema do dia. Muitos sentiram que cada possibilidade de risco, de vulnerabilidade, de ter que revisar outra vez, tudo havia sido extirpado em Pattaya. Isto foi acentuado pelo fato de que não houve oportunidade de interação recíproca e discussões de nível nas reuniões plenárias, nem sequer no final, quando foram submetidos os documentos da conferência. Muitos se sentiram mais receptores do que participantes da conferência, tendo que confiar cegamente na direção, já que ela sabia o que era melhor. Teve-se a impressão de que não ficaram problemas por resolver, fora aqueles que se referem à prática e estratégia. A atitude foi a de que o trabalho teológico havia sido feito em Berlim (1966) e Lausanne (1974), e que somente a aplicação e estratégia eram agora requeridas. Na noite de abertura, Saphil Atyal, presidente do congresso, afirmou explicitamente: "Não estamos aqui para focalizar os resultados; antes estamos aqui para estudar os povos a serem alcançados e como alcançá-los". Por isso é que o tema da conferência foi "Como ouvirão?" O fato de todas as mini-consultas terem tido como palavra chave a palavra "alcançar" ("Alcançando protestantes nominais", "alcançando judeus", etc.) em seus títulos acentua sua atitude evidente mais amplamente. Os participantes já estavam todos a salvo, dentro do bote salva-vidas, e estavam agora projetando estratégias sobre como lançar a corda aos que estavam se afogando. Nada foi falado acerca das condições no próprio salva-vidas. Havia sido decidido de antemão que a renovação da igreja não seria discutida. Aqueles que estavam no bote salva-vidas eram os que tinham, alcançando aos que não tinham, e não mendigos dizendo

a outros mendigos onde encontrar pão.

CANTANDO EM NOSSAS CADEIAS

Fui a Melbourne e a Pattaya com muitas expectativas. Ambas as conferências ensinaram-me muito. Em ambas havia cristãos sinceros e devotos, que queriam servir ao seu Senhor com tudo o que tinham. Porém, também notei que os pontos fortes de Melbourne foram os pontos fracos de Pattaya, e vice-versa. Notei que a convergência entre ecumênicos e evangélicos, que eu pensava haver começado e desenvolver-se depois de Lausanne (1974) e Nairobi (1975), dificilmente estava em evidência. Muitas pessoas eram cativas em suas próprias predisposições. O secretário geral da Sociedade de Igrejas Missionárias, Simon Barrington-Ward, que também assistiu a Melbourne e Pattaya, disse: "Em ambos os lugares cantamos em nossas cadeias (prisões)".

DECLARAÇÃO DE SEOUL

Rumo a uma Teologia Evangelical para o Terceiro Mundo

Oitenta e dois delegados e observadores da Ásia, África, América Latina, Caribe e das Ilhas do Pacífico encontraram-se em Seoul, Coréia, de 27 de agosto a 5 de setembro de 1982, a fim de considerar nossa tarefa teológica. Tendo como tema central "Teologia e Bíblia no Contexto", esta conferência foi organizada pela Associação Teológica da Ásia, a Comissão Teológica da Associação de Evangélicos na África e Madagascar, e a Fraternidade Teológica Latino-americana, com quatro finalidades:

- 1 - Tratar de assuntos teológicos que estejam ligados basicamente ao evangelismo e crescimento da igreja e que sejam comuns às igrejas em países desenvolvidos;
- 2 - Intercambiar idéias e informações entre teólogos no Terceiro Mundo;
- 3 - Encorajar a fraternidade e cooperação entre estes teólogos; e
- 4 - Aprender da igreja na Coréia, que é uma das que crescem mais rapidamente no mundo.

Somos gratos a este país, e particularmente às igrejas evangélicas que nos hospedaram, por sua amável hospitalidade. Somos gratos a Deus pela oportunidade de discutir uma porção de assuntos teológicos em um contexto de companheirismo cristão, confiança mútua, compromisso a Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo,

e à sua igreja, e uma comum aceitação da autoridade da Escritura. O presente documento é um breve resumo de nossa discussão.

1. Crítica da Teologia Ocidental

Damos graças a nosso Deus soberano, que tem preservado e renovado a igreja durante os dezenove séculos passados. Expressamos nosso compromisso aos credos da Igreja Primitiva, às confissões da Reforma Europeia e ao despertamento espiritual dos movimentos de renovação dos tempos modernos. Reconhecemos a contribuição das igrejas ocidentais e agências missionárias no surgimento e crescimento de igrejas em várias partes do Terceiro Mundo.

Não desejamos articular nossa teologia simplesmente em reação à teologia ocidental, quer liberal ou evangelical, conservadora ou progressista. Nosso interesse é interpretar a Palavra de Deus à luz de nosso próprio contexto histórico, por amor à obediência cristã.

A abordagem ocidental à teologia tem afetado profundamente nosso próprio entendimento da tarefa teológica. Temos, portanto, lidado com uma porção de armadilhas em que a teologia ocidental tem caído e que devemos evitar. A teologia ocidental é conjuntamente racionalista, moldada por filosofias ocidentais, preocupada com interesses intelectuais, especialmente aqueles que dizem respeito à relação entre fé e razão. Frequentemente, ela tem reduzido a fé cristã a conceitos abstratos, que podem responder a questões do passado, mas que falham ao enfrentar as questões de hoje. Ela tem, consciente ou inconscientemente, obedecido à visão do mundo secularista associado ao Iluminismo. Algumas vezes, tem sido utilizada como um meio para justificar o colonialismo, exploração e opressão, e pouco ou nada tem feito para mudar estas situações. Além disso, tendo sido trabalhada dentro da Cristandade,

ela dificilmente dirige as questões do povo em situações caracterizadas por pluralismo religioso, secularismo, Islamismo ressurgente ou totalitarismo marxista.

Temos reconhecido que, se teologia evangélica é cumprir a tarefa no Terceiro Mundo, este deve ser libertado da escravidão do individualismo e racionalismo da teologia ocidental, a fim de permitir que a Palavra de Deus trabalhe com poder total. Muitos dos problemas de nossas igrejas são, em parte, o resultado deste tipo de teologia. Conseqüentemente, insistimos na necessidade de reflexão crítica e renovação teológica. Necessitamos urgentemente de uma teologia Evangélica que seja fiel à Escritura e relevante às variadas situações no Terceiro Mundo.

2. Crítica das Teologias do Terceiro Mundo

Temos adotado uma visão crítica quanto às correntes teológicas nos países que representamos. Reconhecemos as similaridades em nosso passado histórico, vis-a-vis colonização e opressão, nossa luta presente contra a injustiça, miséria e pluralismo religioso, e o imperativo de anunciar o Evangelho em palavras e ações em nossos variados contextos.

Descobrimos que algumas das pressuposições, origens e hermenêutica das teologias (tais como etnoteologias, teologias sincréticas e teologias da libertação) são inadequadas. As etnoteologias são frequentemente motivadas politicamente e fazem pouca ou nenhuma justiça às Escrituras. As teologias sincréticas acomodam a realidade bíblica a variáveis culturas. As diversas teologias da libertação têm levantado questões vitais que não podemos ignorar. Mas rejeitamos estas tendências de dar primazia a uma práxis que não é informada biblicamente no fazer teologia. Da mesma maneira, opomo-nos ao seu uso em uma análise socioeconômica como chave hermenêutica para as Escrituras. Rejeitamos qualquer teologia que, sob a aparência de ci-

ência e tecnologia, é usada como mediação histórica da fé cristã.

Nós, inequivocamente, apoiamos a primazia e autoridade das Escrituras. Para nós, saber é fazer, amar é obedecer. A teologia evangélica deve enraizar-se em uma vida de obediência à Palavra de Deus e submissão ao senhorio de Jesus Cristo. A tarefa evangélica deve ser feita sob constante operação do Espírito Santo, com instrumentos hermenêuticos adequados e uma percepção afiada da contínua operação de Deus na história.

3. Nosso Fundamento Bíblico

Comprometemo-nos, de comum acordo, a basear nossa teologia na inspirada e infalível Palavra de Deus, sob a autoridade do Senhor Jesus Cristo, pela inspiração do Espírito Santo. Nenhuma outra fonte se mantém inalterável. Apesar de nossos variados caminhos para fazer teologia, nós, sincera e unanimemente, concordamos com a primazia das Escrituras. Nosso compromisso toma a sério o contexto histórico e cultural dos escritos bíblicos.

Percebemos a necessidade de uma teologia que se ocupe da espiritualidade tradicional e das situações contemporâneas de nosso povo. A audaciosa proclamação da atividade redentora de Deus, culminando em Jesus Cristo, concretizada na história, é imperativa.

Um fundamento bíblico para a teologia pressupõe a igreja como a comunidade hermenêutica, a graça do Espírito Santo como a chave para a compreensão da Palavra de Deus, e a contextualização do padrão do Novo Testamento para transpor o Evangelho em diferentes situações históricas. Nós afirmamos que teologia como uma disciplina puramente acadêmica é algo que nem devemos buscar, nem importar. Para ser bíblica, a teologia Evangélica deve depender de uma exegese sadia, procurar edificar o corpo de Cristo e motivar para a missão. Teologia bíblica tem de ser atualizada no serviço

de uma comunidade que adora e testifica, chamada a praticar a Palavra do Deus vivo em nossas situações contemporâneas.

4. Nossa Agenda Teológica

Fomos advertidos de não haver dado adequada atenção à reflexão teológica sobre a tarefa missionária e os assuntos cruciais de nossas próprias situações históricas. Reconhecendo a importância da teologia em nosso ministério e as limitações de nossa produção teológica, fomos motivados a elaborar uma agenda teológica experimental.

Nós, da Ásia, teremos de enfrentar questões tais como o ressurgimento de religiões nativas, a luta por justiça face à opressão, ideologias e regimes totalitários, as tensões entre valores tradicionais, corrupção e consumismo moderno. Para este fim, necessitamos desenvolver nossos instrumentos hermenêuticos. Devemos proclamar a finalidade de Jesus Cristo no contexto das tendências universalísticas e sincretísticas expressas em algumas teologias da Ásia. As qualidades características da Ásia, de espiritualidade, meditação e devoção, auto-sacrifício e serviço, vão ser testadas e utilizadas no desenvolvimento de nossa teologia. Identificamo-nos com o povo sofrido na Ásia e procuraremos desenvolver padrões para nossas igrejas, vidas e espiritualidade nas sociedades opressivas.

Nós, da África, teremos de tomar a sério a visão de mundo tradicional da África, a realidade do espírito mundano, as ideologias competidoras, o ressurgimento do Islamismo e a civilização contemporânea, e as lutas religiosas e políticas. A teologia terá de explorar caminhos para apresentar a pessoa de Deus e Jesus Cristo como único Mediador entre Deus e o homem. Ela também procurará responder à questão da identificação humana no contexto histórico desumanizante da exploração colonial, guerras tribais e discriminação

racial.

Nós, da América Latina, teremos de forjar teologia dentro de um contexto em que as estruturas sociais, econômicas e políticas estão em um estado de desordem, incapaz de fechar a distância entre o pobre e o rico e resolver os problemas criados pela dependência econômica e tecnológica. A teologia terá de dar prioridade aos problemas relacionados à justiça e paz, o controle da corrida de armas, as implicações evangelísticas do crescimento demográfico e urbano, as condições patéticas dos povos indígenas e outros grupos étnicos, o desafio missionário da religiosidade e sincretismo popular, a emergência de movimentos de renovação eclesial e bíblica dentro e fora da Igreja Católica Romana, e a questão de unidade cristã entre protestantes de todas convicções.

Nós, do Caribe, teremos de entregar-nos à imanência de Deus nas situações de vida do passado e do presente do povo do Caribe; a relevância de Cristo em suas situações únicas de vida; a dignidade do homem, a despeito de sua depravação; a dimensão corporal do pecado; a dimensão horizontal da salvação; a igreja como comunidade genuína, seu relacionamento com o mundo e a relevância, tanto dela própria quanto do mundo; e os imperativos éticos do período compreendido entre o evento de Cristo e a parusia.

Nós, das Ilhas do Pacífico, teremos de encarar assuntos tais como o ponto de vista do mundo tradicional, a realidade dos poderes do espírito, e o nominalismo dentro das igrejas. Teremos de enfrentar a tensão entre valores tradicionais e valores que estão sendo introduzidos pelo processo de ocidentalização; os problemas produzidos pela dependência econômica, e a presença dos poderes do mundo, usando a região como local de teste nuclear.

Nós todos mantemos segura a autoridade e inspiração da Bíblia para as convicções evangélicas, tais co-

mo a personalidade, amor e a justiça de nosso Deus soberano, a singularidade e finalidade de Jesus Cristo, a nova vida e poder dados pelo Espírito Santo, a pecaminosidade e perdição da raça humana, a necessidade de arrependimento e fé, a vida e testemunho da igreja, e a volta pessoal de Jesus Cristo. Expressamos nosso compromisso unido e jubiloso à missão de Deus no Mundo. Como nós teologizamos, procuramos ser fiéis à Palavra de Deus na interpretação e significação da verdade bíblica dentro de nosso próprio contexto particular, pelo amor à obediência que vem através da fé e para a glória de Deus.

Conclusão

Com todas as nossas ênfases diferentes e culturas variadas, experimentamos a realidade de nossa unidade em Jesus Cristo. Nosso tempo juntos aprofundou nossa compreensão da natureza da tarefa teológica e a urgente necessidade de uma teologia que enriquecerá a vida e missão da igreja hoje. Por isso, confiamos-nos a Deus para a construção de uma teologia em serviço obediente ao nosso Senhor Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo.

CONGRESSO BRASILEIRO DE EVANGELIZAÇÃO

Propósito:

CONCLAMAR O POVO EVANGÉLICO PARA A OBRA DE EVANGELIZAÇÃO

*"...todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo. Como porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não foram enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam cousas boas."
(Rm 10.13-15)*

Explicitação dos objetivos

Deus ama a todos os homens. (A Bíblia o demonstra por diversas e diferentes maneiras.) Ele cria todas as coisas e as mantém. Sua maior expressão de amor, no entanto, revela-se por meio de Jesus Cristo, enviado ao mundo como manifestação suprema de seu objetivo de salvação (Jo 3.16). O amor de Deus se expressa no objetivo supremo de salvar cada pessoa, de que todos, indistintamente, cheguem ao "pleno conhecimento da verdade" (1 Tm 2.4). Nestes "últimos dias" ele tem dado à igreja a tarefa de propagar esta salvação gloriosa. E, como o anseio de ver os homens salvos reside no coração de Deus, a evangelização torna-se a tarefa vi-

tal da igreja.

Olhando para trás, sobejas razões teremos para agradecer ao Senhor pela forma visível como o seu Espírito tem atuado entre nós e como a sua palavra tem sido disseminada de Norte a Sul, o que se consubstancia no surgimento de milhares de igrejas, no testemunho de fé de seu povo, em atos de amor cristão e na manifestação de sinais do Reino que, em plenitude, se há de revelar.

Como parte do Corpo de Cristo neste país, objetivamos conclamar os nossos irmãos, espalhados nas mais diversas denominações e regiões do Brasil, para se comprometerem uma vez mais com a visão da evangelização urgente e para ouvirmos, novamente, a palavra de envio do Senhor, que nos ordena fazer discípulos, ensinar e batizar (MT 28.19). Na consciência do privilégio da evangelização e na certeza de sua necessidade urgente, sentimo-nos irmanados com todos aqueles que, mundo afora, compartilham conosco desta mesma convicção. Concordamos com o Pacto de Lausanne, quando diz: "o serviço de evangelismo abnegado figura como a tarefa mais urgente da igreja. A evangelização mundial requer que a igreja toda leve a todo o mundo o Evangelho integral" (Pacto de Lausanne, VI).

Queremos, no entanto, dizer que a tarefa global da igreja inclui ainda outros aspectos, além da evangelização propriamente dita. Ou, em outras palavras: a missão da igreja é mais ampla do que a evangelização, sendo esta a sua tarefa fundamental.

Por evangelização entendemos a comunicação comprometida, verbal e objetiva do Evangelho, no interesse de que o interlocutor o entenda para a sua vida e sintase desafiado a responder a ele.

O conteúdo da nossa evangelização é Jesus Cristo, Senhor e Salvador. O apóstolo Paulo resumiu a mensagem cristã para a igreja em Corinto, e nós a reprodu-

zimos para os nossos dias:"...que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15.3,4). Evangelizar é, portanto, anunciar Jesus Cristo a todos quantos possam ouvir, na esperança de que creiam naquele que oferece perdão dos pecados e vida nova.

O Congresso Brasileiro de Evangelização quer clamar todas as igrejas evangélicas a participarem, plena e intensamente, deste objetivo, colocando-se, de mãos dadas, a serviço do grandioso propósito de salvação da parte de Deus. (Rm 10.13-15; Mt 28.19; Jo 17.18; 1 Co 15.3,4; 1 Tm 2.4-6; 4.1,2).

1. *Consagrar nossas vidas a Jesus Cristo, Senhor e Salvador, único caminho de salvação, e submeter-nos à orientação do Espírito Santo, que nos capacita a realizar a obra do Pai, sob a autoridade das Escrituras.*

A evangelização do mundo requer, do povo de Deus, tanto uma consagração total como uma sólida fundamentação. Ambas as coisas são imprescindíveis e devem andar juntas. Sem o fervor da consagração, milhões de brasileiros deixarão de ouvir a voz de Deus. Sem um sólido fundamento bíblico-teológico, outras vozes, que não a de Deus, poderão deturpar a identidade do Evangelho de Jesus Cristo.

Afirmamos, por isto mesmo, nossa submissão às Escrituras Sagradas, em cuja inspiração e verdade cremos, e cuja autoridade nos submetemos. Como palavra de Deus escrita, ela se constitui no único referencial infalível de fé e de prática para o povo de Deus. O centro da revelação bíblica é Jesus Cristo. Para ele apontam os escritores do Antigo Testamento e dele testificam os autores do Novo Testamento. À medida que a igreja se submete à autoridade das Escrituras, cabe-lhe o de-

safio de vivenciar uma fé verdadeiramente bíblica.

A Bíblia nos revela que Deus-Pai não somente é o Criador do mundo e o Senhor da História, mas é também o Deus da justiça, que zela pela dignidade do homem, e o Deus da graça, que não deseja abandonar o homem caído em seu pecado. As escrituras revelam o propósito redentor do Pai, que toma a iniciativa de chamar do mundo um povo, para depois enviá-lo de volta ao mundo, como testemunha e servo (Gn 12.1-4; Êx 19.5,6; Is 49.6) Este propósito redentor divino culminou em Jesus Cristo.

Jesus Cristo, anunciado pelos profetas e enviado pelo Pai ao mundo na plenitude dos tempos, não é somente o centro do Evangelho, mas o próprio Evangelho, a Boa-Nova da redenção, porque aprouve a Deus salvar o mundo na pessoa de seu Filho. Foi Ele quem morreu na cruz pelos nossos pecados e ressurgiu para nos garantir a vida eterna. Por isso é que há um só Salvador e um só Evangelho: "Jesus Cristo, o único Deus-Homem, que deu a si mesmo como a única redenção pelos pecadores, é o único mediador entre Deus e o homem" (Pacto de Lausanne, III). Não existe outro nome pelo qual possamos ser salvos (At 4.12). Mas Jesus não é somente Salvador, Ele é também o Senhor (At 2.36). Aqueles que abraçam a sua salvação, devem também acatar o seu senhorio em todas as dimensões da vida. Quer dizer, a salvação é pela graça, através da fé. Mas Deus espera de nós um compromisso radical de vida - é o preço do discipulado (Lc 9.23-25). Somos salvos da perdição, é verdade. Mas Deus espera de nós um novo comportamento. Efésios 2.8-10 fala da salvação pela graça e, em seguida, das "boas obras para as quais fomos criados". 1 Pedro 2.21-25 nos recorda a morte de Cristo em nosso lugar, a fim de que "vivamos para a justiça".

A propagação do Evangelho deve ser feita no poder do Espírito Santo e sob a sua orientação, porque "sabemos que a evangelização ocorre no contexto de um

conflito espiritual, e que estamos engajados numa batalha espiritual contra as forças demoníacas. A evangelização envolve um choque de forças, e, na conversão, Jesus Cristo demonstra que é mais poderoso que os principados e poderes do mal, libertando as suas vítimas. Estratégia e organização não bastam; precisamos orar fervorosamente pedindo o poder do Espírito Santo. "Deus não nos deu um Espírito de medo, e sim, de ousadia (2 Tm 1.7 - Declaração de Pattaya, Tailândia). Para que possamos testemunhar com ousadia, precisamos nos "revestir da armadura de Deus e entrar nesta batalha com as armas da verdade e da oração" (Pacto de Lausanne). A evangelização do mundo depende da saúde espiritual da Igreja de Cristo. Esta, de sua submissão aos ditames do Espírito Santo. Cremos que, nesta hora, o Senhor nos convoca novamente à fidelidade e ao compromisso, tanto de testemunho como de serviço, para que o Brasil ouça a voz de Deus. (Gn 12.1-4; At 2.36; 4.12; Ef 2.8-10; 1 Pe 2.2j-25; 2 Tm 1.7).

2. Reafirmar a evangelização como tarefa prioritária da Igreja, desafiando o povo de Deus a realizá-la de forma autêntica e urgente, em âmbito nacional e mundial.

Muitos de nós admitimos a evidência de que a evangelização é a tarefa prioritária da igreja. Há algumas coisas, porém, das quais precisamos ser sempre lembrados. Ao reiterarmos a prioridade da evangelização, pretendemos, em primeiro lugar, identificar-nos como pessoas e igrejas que já foram convencidas pela Palavra de Deus acerca da importância da tarefa evangelizadora. Em segundo lugar, intentamos dizer uns aos outros, no compartilhar e exortar, que esta ênfase deve ser mantida.

Reafirmar a prioridade, entretanto, não significa que na prática tudo vai como o Senhor deseja. Este se-

gundo objetivo nos quer levar um passo adiante. Ele nos convida a uma evangelização autêntica, a qual se define em relação a Jesus Cristo, Senhor e Salvador. A autenticidade de nossa evangelização depende da clareza e indubitabilidade com que este Jesus Cristo é anunciado e compreendido. Por isso, não apenas a mensagem, mas também a transmissão é de suma importância.

Na grande comissão que nos é delegada pelo Evangelho de João, vemos como Jesus apresenta sua missão como modelo para nossa atuação missionária: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20.21 e 17.18). Somos convidados a entender a encarnação de Jesus, a observar a maneira como ele se relacionava com as pessoas e com quem entrava em contato, a fim de melhor entendermos o que é uma evangelização autêntica.

Dizemos que a evangelização deve ser autêntica, fiel a Jesus Cristo, consonante com os evangelhos, modelada pela atuação do Mestre, como também que deve ser urgente. A causa do Senhor tem pressa. Os dias são maus e os ponteiros do relógio de Deus avançam para o tempo final. O número de pessoas necessitadas do Evangelho cresce a cada dia e a igreja não pode cruzar os braços. Neste tempo da igreja - últimos dias - , é mister que ela esteja no caminho da obediência ao mandato universal delegado pelo próprio Senhor. "Não há tempo a perder. Vamos todos trabalhar. Levantai os vossos olhos já."

O Evangelho não tem pátria geograficamente delimitada, nem a evangelização tem fronteira nacional. Na língua da Bíblia, "perto" e "longe" não são conceitos geográficos, mas de salvação. "Perto" estão os que se deixam achar pelo Senhor, e "longe" os que permanecem nos seus pecados. Enquanto houver (e sempre haverá) homens que estão longe de Deus, a evangelização far-se-á necessária. Na tarefa do anúncio do Evangelho, a igreja deve assumir a sua responsabilidade, tanto para com a comunidade na qual estiver inserida, quanto na

sua vocação de levar a mensagem até os confins da terra. É assim que Atos 1.8 nos fala "... e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra".

Agradecemos a Deus por aqueles que, deixando sua casa e terra, estiveram ou estão conosco, como mensageiros do Senhor. Reconhecemos que, neste momento particular da história do povo evangélico brasileiro, cabe-nos assumir um papel marcante na missão interna e externa. Já passa de meio milhar o número de brasileiros que servem ao Senhor no campo da missão transcultural e, certamente, será grande o número daqueles que seguirão este caminho. Para que isto aconteça de uma forma madura, precisamos aprender da história das missões, entre outras coisas, o que significa de fato missão transcultural, qual deve ser a relação entre Evangelho e cultura e estarmos dispostos a não repetir os erros do passado, fazendo uma autocrítica madura.

Por fim, este segundo objetivo quer nos lembrar que a evangelização não é apenas um ministério para especialistas, mas de todo o povo de Deus. A Bíblia nos ensina que todos os cristãos são sacerdotes (1 Pe 2.10), e nós cremos que cada discípulo é enviado para o nobre anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. (1 Co 9.22,23; Jo 17.18; 20.21; Jo 1.14; Ef 2.13; At 1.3; 1 Pe 2.9,10)

- 3. Identificar as necessidades e desafios do homem brasileiro e avaliar os recursos disponíveis para a realização de uma evangelização integral, a fim de alcançá-lo em todas as suas dimensões.*

Enorme gama de religiões, seitas e grupos vão surgindo e proliferando entre nós. Somos, em verdade, um país sincrético, onde o culto ao verdadeiro Deus é substituído por uma grande confusão religiosa que só

rente de uma identidade evangélica. Este é o nosso povo e a nossa gente. Os homens e mulheres que vivem neste país gigante em recursos e possibilidades são, paradoxalmente, em sua maioria, pobres e miseráveis. Sentimos a profunda ausência de Cristo e, conseqüentemente, da justiça, da liberdade e da verdade.

Sabemos que estes homens e este país são chamados por Deus. Sabemos, ainda, que Deus tem delegado à sua igreja o ministério de proclamação da mensagem salvadora. A Palavra de Deus e o seu Espírito são os recursos fundamentais para a realização desta obra. Mas também precisamos de homens dispostos, eficientes meios de comunicação, recursos financeiros, locais de encontro... Recursos diversos para esse trabalho fundamental.

Observamos que a igreja no Brasil vive entre a dependência e a autonomia, a recepção e o envio. Se, no passado, os ministros e o sustento financeiro das igrejas vinham acentuadamente de fora, hoje a igreja está assumindo em grande parte a sua própria manutenção, bem como acordando para a necessidade da missão externa. Este é um acontecimento fundamental para a vida saudável da igreja e um testemunho da presença do Espírito de Deus.

Queremos alcançar o homem todo, com o evangelho todo e em todo lugar. Este homem todo quer ser amado e compreendido por nós, com todas as suas implicações. Não somos chamados apenas ao anúncio da palavra verbal, mas ao testemunho da vida e ao envolvimento concreto com aqueles que são carentes e sofredores. Esta perspectiva de compromisso com os pobres, nos seus variados aspectos, bem como a dimensão profética do ministério da igreja, são o resultado puro e límpido de uma leitura profunda e sincera da Palavra de Deus e do desejo de modelar a nossa missão pela do Mestre. (At 17.22; Mc 6.34; Jo 12.20-23; Mt 28.19,20; Lc 4.18,19; 7.18-22)

-
4. *Reavaliar a nossa prática de evangelização, perguntando por sua fidelidade à Palavra de Deus e sua eficácia metodológica, buscando superar as nossas limitações e propondo novos modelos de evangelização.*

"A igreja reformada deve estar sempre se reformando". Este foi um dos princípios de Martin Lutero que pode ser aplicado também à evangelização na vida da igreja. A Palavra de Deus, nosso único e suficiente referencial, nos desafia constantemente para a evangelização e, ao mesmo tempo, nos questiona: pergunta pela nossa obediência, fidelidade, integridade e eficácia. Este é um aspecto difícil de ser cumprido, porque não nos é muito fácil o questionamento e a autocrítica. Preferimos que a Bíblia referende o que fazemos e que não aponte para nossas limitações e fraquezas. Como disse um teólogo, precisamos "ler a Bíblia contra nós" e não apenas a nosso favor. Esta disposição para submeter-nos sempre, em confissão e arrependimento, à Palavra de Deus, enriquece o corpo de Cristo e coopera para a realização eficaz da obra do Reino.

Quando perguntamos pela nossa tarefa evangelizadora, temos diante de nós, ao mesmo tempo, o desafio que o Senhor faz-nos através de sua Palavra e a necessidade de milhões de brasileiros e de mais de 2,5 bilhões de homens e mulheres ao redor de todo o mundo. No caminho da obediência, buscamos uma metodologia que seja fiel à Palavra, olhe para o modelo missionário de Jesus e perceba as possibilidades que o mundo moderno coloca a serviço do homem. Em meio a todas as possibilidades, cremos que a encarnação e o ministério de Jesus estabelecem o modelo de uma boa atuação missionária para os nossos dias.

Qualidade e quantidade devem andar de mãos dadas. É mister que fidelidade à Palavra e eficácia metodológica caminhem harmoniosamente, sendo que esta sempre é julgada por aquela. Uma boa metodologia é medida pelo

seu resultado em termos de quantidade e qualidade. Em outras palavras: pela sua fidelidade à Palavra de Deus e pela sua capacidade de atingir o homem na sua concreta realidade de vida, conduzindo-o a um discipulado integral.

A história do povo evangélico brasileiro evidencia a mão graciosa de Deus conosco. Em especial nos últimos anos, a igreja tem crescido, pelo que somos profundamente gratos a Deus. Não é hora, no entanto, de triunfalismos, pois os desafios são sérios e as nossas limitações, enormes. É verdade que crescemos. Mas, o que não cresceu? As seitas e as mais variadas formas de espiritismo têm, literalmente, tomado conta deste país. Esta é nossa tristeza maior.

Não podemos nos contentar com o que já foi feito. É preciso fazer "mais, melhor e, em certos casos, diferente".

Somos gratos a Deus por sua fidelidade e reconhecemos, diante dele, que nos esperam enormes tarefas e nem sempre estamos dispostos a enfrentá-las com amor desmedido. Fazemos confissão pública do nosso trabalho unilateral, de nosso egoísmo e orgulho. O Senhor sabe que não estamos livres de nossos próprios interesses, da busca de poder e da vontade de ser.

O convite da Palavra de Deus, bem como os desafios do tempo presente, conclamam-nos a colocar a mão no arado com humildade e criatividade. Este é, certamente um binômio chave para a nossa obra de evangelização. Com humildade enfrentamos a tarefa e com esmero devemos buscar uma atuação criativa, que tenha como objetivo alcançar pessoas que estão longe de Deus. Além de tudo o que já foi e está sendo feito, precisamos procurar novas formas de testemunho para a expansão do Evangelho. Esperamos que, neste Congresso, consigamos estudar modelos de atuação missionária que venham a oferecer novos caminhos nesta jornada do Reino, na qual buscamos obedecer ao Mestre com integridade e dedicação.

-
5. *Incentivar a fraternidade e cooperação entre povo evangélico brasileiro, buscando a manifestação visível do corpo de Cristo e um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis para a expansão do Evangelho.*

A presença e atuação das igrejas evangélicas no Brasil já ultrapassa um século. Caracteriza-a tanto uma variedade étnica, como uma diversidade denominacional. Também estão surgindo grupos evangélicos autóctones, sem vínculo com missões forâneas. Isto é, desde sua origem, a presença evangélica no Brasil tem sido marcada pela diversidade e, lamentavelmente, aqui e acolá, pela competição. Este Congresso, que visa criar um espírito de fraternidade em toda família evangélica do Brasil, deseja também criar o espaço necessário para a cooperação.

Não nos move a unificação de todo o trabalho de evangelização nacional numa única e grande organização. A nossa liberdade evangélica não o permitiria, além de nem ser isto talvez desejável. Queremos, todavia, reconhecer que pertencemos todos ao Corpo de Cristo, somos filhos do mesmo Pai, remidos pelo mesmo Cristo, habitados pelo mesmo Espírito Santo, e temos problemas e desafios semelhantes. Isto nos concita a uma união maior, no espírito da oração de nosso Senhor: "a fim de que todos sejam um, como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17.21). Reconhecendo também que, não poucas vezes, o nosso exclusivismo nos tem envolvido em programas competitivos e desnecessária duplicação de esforços.

Pretendemos que o Congresso Brasileiro de Evangelização venha a se tornar, para a família evangélica brasileira, numa manifestação visível do corpo de Cristo, onde a união no fundamental supere todo o separatismo. Somos também desafiados à união em função da limitação dos nossos recursos e dos enormes desa-

fiões diante de nós. Juntos poderemos fazer mais do que sós. Aprendendo e compartilhando uns com os outros, tornamo-nos mordomos responsáveis no uso dos recursos por Deus disponibilizados. Trabalho em cooperação é uma forma de mordomia.

Finalmente, o imperativo da união e da cooperação nos encoraja, exorta e desafia. Encoraja-nos, pois vemos que não estamos sozinhos, mas estamos cercados "de uma nuvem de testemunhas" (Hb 12.1). Temos, portanto, participação numa grande família de fé que se alegra e chora conosco (Rm 15.7). Exorta-nos, porque temos de reconhecer a nossa tradição divisionista, que tem produzido muita separação no corpo de Cristo. E nos desafia, porque a Palavra de Deus chega novamente aos nossos ouvidos. "A fim de que todos sejam um". Se queremos ser obedientes ao Espírito de Deus no cumprimento da Grande Comissão, precisamos dar passos concretos para uma cooperação efetiva no objetivo de que "o mundo ouça a voz de Deus". (Gl 3.28; Ef 4.1-6; Jo 17.21; Hb 12.1; Rm 15.7; 1 Jo 3.6-23).

BIBLIOGRAFIA

1. A MISSÃO DA IGREJA NO MUNDO DE HOJE
(As principais palestras de Lausanne 74).
Billy Graham, John Stott, Samuel Escobar, René Padilla, e outros.
ABU Editora. 1982. São Paulo.

"Em 1974 reuniram-se em Lausanne, Suíça, cerca de 4.000 líderes e evangelistas de igrejas de dezenas de países para orar, estudar, debater e planejar em torno do propósito comum: a evangelização mundial. O lema do encontro foi inspirado no profeta Isaías, clamando que o mundo ouça a voz de Deus. Este brado, lançado no Congresso Internacional de Evangelização Mundial, tem soado e ressoado desde então por todos os continentes da terra.

Um novo espírito e arrojo evangelístico tem-se feito sentir em todos os cantos. Multiplicaram-se os esforços evangelísticos, congressos e consultas. Milhares de missionários tem sido enviados desde então, não somente pelas igrejas dos países desenvolvidos, mas principalmente e de forma crescente por meio das igrejas jovens do chamado Terceiro Mundo.

Várias conferências surgiram a nível nacional e regional, com o propósito de levar a mensagem, o desafio e o espírito de Lausanne até as bases das igrejas e denominações. Em nosso continente, o II Congresso Latinoamericano (CLADE II) foi uma dessas tentativas.

Muitas foram as consultas que tentaram aprofundar as principais questões levantadas no Congresso.

A Consulta sobre Evangelização, de Pattaya (Tailândia, 1980), teve como foco as estratégias a serem desenvolvidas na tarefa evangelizadora. (O livro texto de Pattaya foi publicado em português com o título O Desafio da Evangelização do Mundo.) O Encontro sobre Estilo de Vida Simples e Desenvolvimento (Londres, 1980) buscou por uma proposta de ação social e política evangélica com sólida fundamentação bíblica.

A Consulta sobre Evangelho e Cultura, de Willowbank (Bermudas, 1978), aprofundou a questão da relação entre a mensagem do Evangelho e o contexto no qual esta mensagem é proclamada. A Consulta de Grand Rapids (Estados Unidos, 1982) preocupou-se com a relação entre a evangelização e a responsabilidade social e política da igreja.

Não foram estes os únicos, mas talvez tenham sido os encontros de maior significado, em meio aos muitos eventos de follow-up organizados pelo Comitê de Lausanne.

No Brasil, vários acontecimentos tiveram nítida inspiração no Congresso de Lausanne. Campanhas evangelísticas, congressos missionários, encontros de jovens e pastores, criação de várias organizações missionárias foram alguns dos eventos que, sem dúvida, dinamizaram a evangelização no Brasil.

Mas o conteúdo do Congresso continua distante do grande público evangélico brasileiro. Os encontros internacionais que se seguiram tiveram quase que nenhum alcance e divulgação entre nosso povo. Do espírito de Lausanne muito temos ainda que aprender. Temos refletido pouco sobre a profundidade das propostas do Congresso. Por sua vez, o mandato à evangelização está ainda longe de ser cumprido e grande multidão de brasileiros ainda não ouviu o desafio do Evangelho". (do Prefácio)

Mesmo vindo depois de vários anos, cremos ser

muito oportuna esta publicação. Pela sua seriedade e profundidade, e pelo que Lausanne desencadeou mundo afora, este livro merece estar em qualquer biblioteca.

Nota: O livro acima foi publicado como material preparatório para o Congresso Brasileiro de Evangelização, a ser realizado em Belo Horizonte em 31 de outubro a 5 de novembro.

É objetivo publicar ainda outro material antes deste Congresso.

Com expectativa esperamos estas publicações:

1. Comentário de John Stott ao Pacto de Lausanne
2. A Consulta sobre Evangelho e Cultura de Willowbank (Bermudas, 1978)
3. Evangelismo e Responsabilidade Social. Consulta de Grand Rapids (EUA, 1982)

2. BONHOEFFER, Dietrich. a. Vida em comunhão. Ed. Sinodal. 1982.
b. Discipulado. Ed. Sinodal. 1980.

Bonhoeffer é um destes homens que nos deixaram muito cedo. Quem sabe, por isso o seu legado se tornou muito importante para o mundo após a II Guerra:

"Dietrich Bonhoeffer", dizem os editores do primeiro livro, "é, sem dúvida, o mestre da espiritualidade contemporânea. Por certo período, foi diretor de um seminário teológico da Igreja Confessante da Alemanha durante o difícil período da Segunda Guerra Mundial. Foi para os estudantes deste seminário que Dietrich Bonhoeffer escreveu 'VIDA EM COMUNHÃO'.

Trata-se de uma proposta evangélica, coerente e compromissiva para a vida cotidiana do cristão sob a Palavra: o ritmo de vida da família com a Bíblia; o cristão em seu lugar de trabalho; meditação conjunta e privativa; comunhão e solidão; confissão particular e perante Deus; oração livre e formulada; preparo e participação da Santa Ceia; o canto em família e

na comunidade.

Pontos altos, mas presentes ao longo de todas as páginas, são: a libertação total do homem, livre de toda a hipocrisia, e a aceitação irrestrita do semelhante. Assim, a comunhão de que fala o livro não é a comunhão dos justos, mas dos justificados, libertos pela graça de Deus. Nas palavras do autor:

'O irmão... não é aquele outro homem sério, ansioso por fraternidade e piedoso que se me depara. É, isso sim, o homem redimido por Cristo, justificado, chamado a fé e para a vida eterna. A base de nossa comunhão não consiste no que alguém é em si como cristão... Nossa comunhão consiste unicamente no que Cristo fez pelos dois''.

O segundo livro, intitulado "Discipulado", escrito mais tarde, traz-nos uma visão aguda do que significa ser cristão hoje. Ouçamos do prefácio:

"Quando as Escrituras Sagradas falam do discipulado de Jesus, proclamam a liberdade do homem de todos os preceitos humanos, de tudo quanto oprime, sobrecarrega, provoca preocupações e tormentos à consciência. No discipulado, o ser humano sai de sob o jugo de suas próprias leis, e submete-se ao jugo suave de Jesus Cristo. Seria isso menosprezo da seriedade dos mandamentos de Jesus? Não. Antes, somente onde permanece de pé o mandamento integral de Jesus, o chamado ao discipulado sem restrições, é que se torna possível a plena libertação do homem para a comunhão com Jesus. Quem segue indiviso ao mandamento de Jesus, quem se sujeita sem resistência ao jugo de Jesus, a este se lhe torna leve o fardo que tem de levar, recebendo, na suave pressão desse jugo, a força necessária para percorrer o caminho certo sem cansaço. O mandamento de Jesus é duro, desumanamente duro para aquele que se lhe opõe. O mandamento de Jesus é suave e fácil para aquele que voluntariamente se lhe sujeita. 'Os seus mandamentos não são penosos' (1 Pe 5.3). O mandamento de Jesus nada tem que ver com curas psicológicas vio-

lentas. Jesus nada nos exige sem nos dar forças para o realizar. O mandamento de Jesus jamais destruirá a vida, mas a conservará, fortalecê-la-á e a sanará."

BOLETIM TEOLÓGICO

Fraternidade Teológica Latino-Americana
Caixa Postal, 220 – 93.000 – São Leopoldo
Rio Grande do Sul – Brasil

Significado do símbolo:

Representa as necessidades do homem dentro do seu contexto final: o ramo de oliva (a paz), a balança (a justiça), os pães e peixes (o sustento diário) e o alfa e omega (a Palavra) à luz da Cruz.